



Leopoldo Miguez e a flauta doce: investigações sobre o instrumento doado pelo compositor ao museu do Instituto Nacional de Música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Patricia Michelini Aguilar

Universidade Federal do Rio de Janeiro – patriciamichelini@gmail.com

Resumo: Consta no acervo da Escola de Música da UFRJ uma flauta doce baixo, doada pelo compositor Leopoldo Miguez em 1896. Investigamos aqui sua provável origem e as razões que teriam motivado o compositor a adquiri-la, considerando que a flauta doce encontrava-se em desuso na Europa neste período. Com base em sua análise física, consideramos possível tratar-se de um instrumento original do construtor alemão Johann Christoph Denner (1655-1707). A partir da leitura dos relatórios produzidos quando Miguez foi diretor do Instituto Nacional de Música, concluímos que seu interesse pela flauta deu-se, sobretudo, pelo aspecto histórico e organológico.

Palavras-chave: Flauta doce. Leopoldo miguez. Instituto nacional de música. Johann christoph denner. Victor-charles mahillon.

Leopoldo Miguez and the recorder: investigations on the instrument donated by the composer to the museum of National Institute of Music

Abstract: The Music School of UFRJ possesses a bass recorder, donated by composer Leopoldo Miguez in 1896. We investigate here its probable origin and the reasons that have motivated the composer to acquire it, considering that the recorder was not in use in Europe at that time. Based on physical analysis, we considered possible that this is an instrument from german builder Johann Christoph Denner (1655-1707). From reading the reports produced when Miguez was director of the National Institute of Music, we conclude that his interest on recorder has done mainly by the historical and organological aspect.

Keywords: Recorder. Leopoldo miguez. Instituto nacional de música. Johann christoph denner. Victor-charles mahillon.

1. A flauta doce baixo da Escola de Música da UFRJ

Dentre os instrumentos musicais que compõem o acervo do Museu “Delgado de Carvalho”, da Escola de Música da UFRJ, encontra-se uma flauta doce baixo, de procedência alemã, autor desconhecido. Esta flauta foi doada ao museu do outrora Instituto Nacional de Música em 1896 pelo compositor Leopoldo Miguez (1850-1902), então diretor da instituição.

A flauta é de madeira, formada por três partes (cabeça ou bocal, corpo e pé), uma chave para o dedo auricular direito, mais coroa de madeira com tudel de metal em forma de “S”. O bloco está mal encaixado e grosseiramente vedado com cera à parede da cabeça da flauta; parece ter sido danificado, ou mesmo substituído, considerando o bom estado geral e qualidade do instrumento.

Pelo seu formato, podemos afirmar que a flauta não foi construída antes das últimas décadas do século XVII, mais propriamente no início do século XVIII. Embora não seja possível identificar nenhuma marca de construtor, ela se assemelha às construídas por

Johann Christoph Denner (1655-1707), importante *luthier* alemão estabelecido na cidade de Nuremberg e ativo durante a virada do século XVII para XVIII (ver fig.1).

Johann Christoph Denner produziu um grande número de flautas doces baixo, estando muitas delas preservadas em bom estado de conservação em museus na Europa e Estados Unidos¹. A flauta doce da coleção carioca se assemelha a vários desses exemplares, embora contenha um pé mais comprido, com um anel ornamental a mais, e um formato mais estreito e ovalado de chave. Vale ressaltar que as flautas baixo Denner conhecidas não são idênticas umas das outras.



Figura 1: Imagens de duas flautas doces baixo. À esquerda: flauta de Johann Christoph Denner pertencente ao acervo do museu de instrumentos da *Cité de la Musique* (Paris). À direita: a flauta doce baixo da UFRJ. Nos detalhes, bocal com bloco encaixado (acima) e pé com chave (abaixo).

Encontramos duas referências de que esta flauta era de Leopoldo Miguez e foi por ele doada ao museu. A primeira está no relato do Dr. Amaro Cavalcanti (BRASIL, 1897) sobre as atividades do Instituto Nacional de Música (INM) em 1896. Na p.240, lemos: “O director doou ao respectivo musêu uma flauta doce (...)”². A segunda é uma anotação manuscrita em um dos exemplares do catálogo do museu de Carvalho (1905) presente na Biblioteca Alberto Nepomuceno (EM-UFRJ). Foi realizada em 1973 por Maria Hugo Braga Pinto Coelho, então chefe da biblioteca. Ao lado do registro da flauta doce baixo (nº81), consta: “doação de Leopoldo Miguês”.

Quais razões teriam motivado Miguez a adquirir e doar ao INM uma flauta doce em um período onde tal instrumento encontrava-se praticamente em desuso na Europa? Teria



ele pretendido que a flauta fosse de fato utilizada no Instituto ou seria ela considerada por ele apenas um instrumento curioso, digno de constar no museu?

Seja como for, a presença física de uma flauta doce no Rio de Janeiro ao final do séc. XIX é fato único e instigante. Até o momento, não há evidências de que a flauta doce tenha sido utilizada no Brasil durante o século XIX, tampouco no início do século XX, antes que músicos imigrantes europeus a adotassem para fins artísticos e didáticos, sobretudo a partir da década de 1940 (BARROS, 2010; AUGUSTIN, 1999). O instrumento do acervo da UFRJ merece ser investigado, sobretudo pela hipótese de se tratar de um autêntico exemplar de J.C.Denner.

2. A redescoberta da música antiga e da flauta doce na Europa do séc.XIX

Ao longo do século XIX percebe-se um crescente interesse por parte de musicólogos, compositores e intérpretes europeus pela música dos períodos anteriores, sobretudo a música ocidental dos séculos XVI, XVII e XVIII. Embora ainda discreto, tal interesse despertou a curiosidade pela sonoridade dos instrumentos do passado, e pouco a pouco os exemplares preservados nos museus foram resgatados, copiados, e até mesmo modificados para que se adequassem aos padrões de sonoridade e dinâmica vigentes.

Em 1880 já havia considerável interesse tanto pela música quanto pelos instrumentos da Renascença e Barroco (O'KELLY, 1990). Entre 1890 e 1900 surgiram na Inglaterra pesquisas e conferências sobre música antiga, realizadas por Christopher Welch (1832-1915) e Joseph Cox Bridge (1853-1929); o padre e colecionador inglês Canon Francis Galpin (1858-1945) organizava concertos e festas rústicas com instrumentos de sua coleção. No início do século XX, as iniciativas do musicólogo francês de origem suíça Arnold Dolmetsch (1858-1940) seriam fundamentais para o desenvolvimento da prática de música antiga e da luteria de flauta doce.

Em 1885 houve a apresentação em Londres de um grupo do Conservatório de Bruxelas, tocando a *Sinfonia Pastorale* da ópera *Euridice*, de Jacopo Peri (1561-1633). Apesar da crítica desfavorável, este concerto foi um importante marco porque o grupo utilizou cópias de flautas doces Kynseker³, de Nuremberg, feitas por Victor-Charles Mahillon (1841-1924).

Mahillon foi músico, musicólogo, escritor e construtor de instrumentos belga, curador do museu de instrumentos do Conservatório de Bruxelas de 1878 até sua morte em 1924. Responsável por tornar o museu um dos mais importantes da Europa, desenvolveu um sistema de catalogação de instrumentos que se tornou referência em organologia.



Em estudo recente sobre a construção de flautas doces durante o século XIX, MacMillan (2007) identificou, de um total de 113 instrumentos, 15 construídos em Bruxelas, sendo 14 feitos por Mahillon. A lista de instrumentos organizada pelo autor comprova que “a redescoberta da flauta doce estava bem estabelecida antes que Arnold Dolmetsch comprasse sua primeira [flauta] contralto Bressan em 1905, e que na época em que ele construiu sua primeira flauta doce aquelas de Victor-Charles Mahillon tinham cerca de 40 anos” (MACMILLAN, 2007: 198, tradução nossa).

Como veremos adiante, em visita ao Conservatório de Bruxelas, Leopoldo Miguez conheceu Mahillon e foi fortemente influenciado por suas iniciativas.

3. A visita de Leopoldo Miguez aos conservatórios europeus em 1895

Se na Europa do final do século XIX o interesse pela música antiga começava a se estruturar como uma possibilidade concreta de pesquisa e performance, no Brasil vivia-se um outro momento. Com a República instaurada em 1889, todas as instituições imperiais, através de decretos do governo, foram gradativamente convertendo-se em republicanas. Assim se sucedeu com o Conservatório de Música, que em janeiro de 1890 desvinculou-se da Academia de Belas Artes para se tornar o autônomo Instituto Nacional de Música.

Leopoldo Miguez, maestro, compositor e violinista fluminense, foi o escolhido para dirigir a recém-nomeada instituição, o que de fato ocorreu ainda em janeiro de 1890. Republicano convicto, ele estava disposto a trabalhar quanto fosse necessário para tornar o Instituto um modelo para o Brasil, não apenas pelo aspecto organizacional de sua estrutura administrativa e didática, como também pela capacidade de fornecer parâmetros para grande parte das atividades musicais do país⁴. Em sua gestão, fez modificações na organização técnica e administrativa, criou novos cargos, organizou e aumentou consideravelmente o material da biblioteca e do arquivo (partituras, autógrafos e demais documentos), além de ter criado o museu de instrumentos.

Em 1895 ele se ofereceu para estudar e conhecer a estrutura dos principais conservatórios europeus, buscando modelos para o INM. Com o pedido aprovado, lá permaneceu até o início de 1896.

Miguez descreveu sua viagem e suas impressões sobre os conservatórios em um relatório de 27 de fevereiro de 1896, destinado a Gonçalves Faria, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores. A relação das escolas que visitou é a seguinte⁵:

Alemanha: *Conservatoriens für Musik und Theater* (Dresden), *König Conservatoriens für Musik* (Leipzig), *Conservatoriens der Musik* (Colônia), *Königlichen*



Akademie der Künste (Berlim), *Kögnilichen Akademie der Tonkunst* (Munique); Áustria: *Gesellschaft der Musikfreunde-Musikverein* (Viena); Hungria: *Verein zur Beförderung der Tonkunst* (Praga); Bélgica: *Conservatoire Royal de Musique* (Bruxelas), *Conservatoire Royal de Musique* (Liège)⁶; França: *Conservatoire National de Musique* (Paris); Itália: *Regia Accademia di Santa Cecilia* (Roma), *Regio Conservatorio di Musica* (Nápoles), *Regio Istituto Musicale* (Florença), *Regio Conservatorio di Musica* (Milão), *Liceo Musicale* (Bolonha), *Civico Istituto di Musica* (Gênova), *Istituto Musicale* (Turim).

Foram os conservatórios alemães e o de Bruxelas que mais lhe causaram boa impressão. Miguez considerou as escolas italianas atrasadas e desorganizadas, muito embora tenha reconhecido a boa estrutura das bibliotecas de algumas delas, assim como a do conservatório de Paris (MIGUEZ, 1897: 21-28).

Certamente a opinião de Miguez reflete suas convicções políticas. Augusto (2008) e Bevilacqua (1940), dentre outros autores, identificam Miguez como grande admirador de Richard Wagner. Ao comentar a produção do compositor, Bevilacqua (1940: 9) afirma que sua obra interessava “pela sinceridade, pela elevada inspiração, pelas belezas, enfim, contidas aí, (...) embora o autor não tenha podido fugir ao reflexo, em sua produção, da funda impressão recebida ao ouvir, em Bayreuth, a obra wagneriana”. Augusto (2008: 235) vê paralelos entre o relato de Miguez sobre os conservatórios e as observações de Wagner quando propõe ao rei de Saxe a criação de um teatro nacional alemão em 1847.

Se nos conservatórios alemães Miguez encontra o modelo de ensino que busca para o Instituto Nacional de Música, tomando a música alemã como progressista e desenvolvida, no conservatório de Bruxelas ele encontra o ideal de preservação da cultura através de seu museu e das ações de seu diretor.

Miguez assim descreve sua impressão deste conservatório:

O seu director actual, o Sr. F.A.Gevaert, é um erudito conceituado universalmente. A ele devem-se grandes progressos nos conhecimentos da história musical, principalmente no que diz respeito à da antiga Grécia. O seu antecessor, o célebre Fétis, era um sábio de vastos conhecimentos, um philologo notável, crítico intransigente pela música do seu tempo, e um pesquisador infatigável da história da música. Deixou obras didacticas de grande valor. (MIGUEZ, 1897: 17).

Fica evidente que o compositor valorizava a erudição dos diretores. De fato, desde que assumiu a direção do INM em 1890, ele próprio empenhou-se em dotar a biblioteca da escola com um importante acervo de obras raras, coleção esta que até hoje é singular. Miguez doou ao INM, dentre muitas outras obras, originais dos tratados de Ludovico Zacconi



(*Prattica de musica*, 1596), Francesco Gasparini (*L'armonico pratico al cembalo*, 1542), Giovanni Maria Artusi (*L'artusi overo dele imperfettioni dela moderna musica*, 1600) e Gioseffo Zarlino (*Le istituzioni harmoniche*, 1562; *Demonstratione harmoniche*, 1571). Estas doações foram realizadas em 1891, antes, portanto, da visita de Miguez aos conservatórios europeus, demonstrando que ele já considerava relevante o conhecimento e estudo de tais obras.

A descrição da biblioteca e do museu de instrumentos do Conservatório de Bruxelas reitera sua admiração por esta instituição:

A sua bibliotheca, a mais bem organizada que vi, é importantíssima. O seu museu de instrumentos de música é talvez o melhor que existe, devido à intelligencia e aos esforços de seu hábil conservador, o Sr. Victor Marillon, insigne fabricante de instrumentos de orchestra que tive o prazer de conhecer. O museu contém mais de 2000 exemplares diferentes. (MIGUEZ, 1897: 17).

Certamente esta foi sua principal referência para a biblioteca e museu de instrumentos do INM.

Em monografia sobre a catalogação dos instrumentos do Museu Delgado de Carvalho, Brandão demonstra que Miguez utilizou-se do sistema de catalogação desenvolvido por Mahillon (2013: 48). No prefácio do primeiro catálogo de instrumentos do museu, elaborado por Carvalho, tal fato fica evidente:

Não é nenhuma inovação a maneira pela qual esta seccão foi classificada: - o maestro Leopoldo Miguez já tentara tornar conhecida a interessante colleção de instrumentos que constitue o Museu e aceitara a distribuição de Charles-Victor Maïlson [sic], conservador do Real Conservatório de Bruxelas. Ele organizou os instrumentos e objetos que faziam parte do museu, fundamentando-se na classificação de Charles Victor Mahillon. (CARVALHO, 1905: 1).

Assim, percebe-se que o diretor do INM estava fortemente engajado em criar no Rio de Janeiro uma escola que estivesse à altura dos melhores conservatórios europeus. Certamente ele tomou conhecimento das iniciativas de Mahillon como construtor, restaurador e pesquisador de instrumentos históricos, e as considerou relevantes. Daí pode ter partido seu interesse por adquirir a flauta doce baixo.

Em todas as referências e catálogos pesquisados, a flauta doce é mencionada a partir de 1896. Ela não aparece no livro manuscrito de registros de doações que Miguez manteve entre 1890 e 1896. Parece-nos provável, portanto, que Miguez adquiriu este instrumento durante sua visita aos conservatórios, entre 1895-96, hipótese também defendida por Brandão (2013: 58).



4. Considerações finais

Embora ainda não tenha sido possível identificar a origem e trajetória completa da flauta doce baixo pertencente à Escola de Música da UFRJ, já podemos elaborar algumas hipóteses.

A flauta é identificada no catálogo de Carvalho como sendo de procedência alemã (1905). A origem desta informação não é revelada e não há marca de construtor aparente no instrumento, porém há grande semelhança física com modelos preservados de J.Ch.Denner. Consideramos então que a flauta possa ser um instrumento autêntico Denner ou uma cópia construída na Alemanha, sobretudo na região de Nuremberg, entre o final do séc.XVII e meados do séc.XVIII.

Leopoldo Miguez provavelmente adquiriu este instrumento em sua estadia na Europa entre os anos de 1895 e 96, visto que a flauta é doada ao museu em 1896 e que o compositor fazia doações à biblioteca desde 1891.

Considerando seu desejo de renovar o ambiente musical do Rio de Janeiro com a nova música alemã, baseado na admiração que sentia por Wagner e seus ideais, não parece ter havido naquele momento o interesse pela prática da chamada música antiga, tal como ocorria de maneira não uniforme em alguns países europeus. Assim, a flauta doce teria despertado seu interesse como um instrumento curioso, digno de estudo para se conhecer a sonoridade do passado. Nesse sentido, o contato com Victor-Charles Mahillon pode ter sido determinante.

Os princípios que regem atualmente a pesquisa musicológica e a interpretação do repertório histórico são diferentes dos praticados ao final do século XIX. A música do passado aparentava ser um objeto de estudo com fins de enriquecer a cultura do homem moderno (e a erudição sobre a história era valorizada), porém era na produção vigente que residia a grande arte e o interesse de todos. Nesse sentido, a flauta doce e qualquer outro instrumento do passado eram vistos como objetos de museu, sujeitos à dissecação física, à análise da sonoridade, que na maior parte das vezes era considerada curiosa.

Referências:

- AUGUSTIN, Kristina. *Um olhar sobre a música antiga: 50 anos de história no Brasil*. Rio de Janeiro: K.Augustin, 1999.
- AUGUSTO, Antônio José. *A questão Cavalier: música e sociedade no Império e na República (1846-1914)*. Rio de Janeiro, 2008. 298f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.



- BARROS, Daniele Cruz. *A flauta doce no século XX: o exemplo do Brasil*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.
- BRANDÃO, Dolores Castorino. *Representação documentária de instrumentos musicais: contribuição para a organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*. Rio de Janeiro, 2013. 131f. Monografia (Especialização em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento). Arquivo Nacional (conveniada à UFRJ).
- BRASIL. Ministério da Instrução Pública Correios e Telégrafos. *Relatório do Diretor do Instituto Nacional de Música*. Documento anexo ao Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. João Barbalho Uchôa Cavalcanti. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. Amaro Cavalcanti*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.
- CARVALHO, Joaquim Tomas Delgado. *O museu instrumental do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
- MACMILLAN, Douglas. An Organological Overview of the Recorder 1800-1905. *The Galpin Society Journal*. v. 60, p. 191-202, Apr. 2007.
- MIGUEZ, Leopoldo. *Organização dos Conservatórios de Música na Europa*. Relatório apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores por Leopoldo Miguez, Diretor do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, em desempenho da comissão de que foi encarregado em aviso do mesmo Ministério de 16 de Março de 1895. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1897.
- O'KELLY, Eve. *The Recorder Today*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- YOUNG, Phillip T. Some Further Instruments by the Denners. *The Galpin Society Journal*. v. 35, p. 78-85, Mar. 1982.
- YOUNG, Phillip T. Woodwind Instruments by the Denners of Nürnberg. *The Galpin Society Journal*. v. 20, p. 9-16, Mar. 1967.

Notas

¹ Os principais inventários das flautas de Johann Christoph Denner são os de Young (1967, 1982) e o de Nicholas Lander, disponível em: <<http://www.recorderhomepage.net>>

² Leopoldo Miguez foi o diretor do Instituto Nacional de Música entre 1890 e 1902.

³ Hieronymus F. Kynseker (1636–1686) foi construtor de instrumentos em Nuremberg. No Museu Nacional Germânico, nesta mesma cidade, encontra-se preservado um conjunto de suas flautas que serviu de modelo para Mahillon.

⁴ Em seu primeiro relatório como diretor, Miguez solicita ao Dr. João Barbalho Uchôa Cavalcanti, Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos (ao qual se subordinava o Instituto), a criação do *Gymnasio Militar*, estabelecimento vinculado ao Instituto que seria responsável pelo ensino e organização da música das bandas militares de todo país (BRASIL, 1891); sugere também padronizar por lei o diapasão no país, usando como referência o órgão Sauer que estava sendo construído para o salão de concertos (870 vibrações simples, o que equivale ao lá=435hz).

⁵ Preservamos no texto os nomes das escolas tais como estão escritos no relatório de Miguez. A maior parte das instituições visitadas converteu-se em universidades ou conservatórios de nível superior, da mesma forma que o Instituto Nacional de Música é hoje a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁶ Miguez relata que não pôde visitar pessoalmente o Conservatório de Liège, mas obteve informações sobre ele de seu diretor, em relação intermediada por Victor Mahillon, responsável pelo museu do conservatório de Bruxelas.